

CRIANÇAS NAS REDES SOCIAIS ONLINE

Autor: Pereira, Rita Ribes.

Pertenencia institucional: Universidade do Estado do Rio de Janeiro

E-mail: ritaribes@uol.com.br

Resumo:

Este texto tem por objetivo propor uma reflexão acerca dos modos como as crianças constroem suas experiências de infância na cultura contemporânea, sobretudo no que diz respeito à sua relação com as tecnologias digitais, experiência esta que afeta material e simbolicamente as crianças em seus modos de viver, de conhecer e de se relacionar. Trata-se de um esforço de aproximação e de delimitação de um objeto de estudo em permanente devir cujas transformações psíquicas, sociais e culturais envolvidas afetam também os modos de pesquisar e de produzir conhecimento. Isto exige, pois, uma construção teórica e metodológica em constante e vertiginoso processo que, mais do que poder contar com o conhecimento historicamente acumulado, parece manter-se mergulhada na intersecção de nossas incertezas. Que é pesquisar com crianças na cibercultura? Como pesquisador e crianças habitam e participam da cibercultura? Como se dá, nesse contexto, o encontro entre eles? Que metodologias já convencionais são possíveis? Que outras formas de pesquisa precisam ser inventadas? Sob que bases construir princípios éticos norteadores para a pesquisa com crianças na cibercultura? Como esses princípios podem dialogar com as normativas juridicamente postas?

O foco da reflexão proposta são os desafios teóricos, metodológicos e éticos que essas novas experiências de comunicação e de sociabilidade engendradas pelas tecnologias digitais trazem para o campo interdisciplinar dos estudos da infância e da especificidade da pesquisa com crianças.

NIÑOS EN LAS REDES SOCIALES ONLINE.

Resumen

Este texto propone una reflexión acerca de los modos en que los niños construyen sus experiencias de infancia en la cultura contemporánea, sobre todo en su relación con las

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

tecnologías digitales, experiencia que les afecta material y simbólicamente en sus modos de vivir, conocer y relacionarse. Este escrito es un esfuerzo de aproximación y delimitación de un objeto de estudio en permanente devenir, cuyas transformaciones psíquicas, sociales y culturales envueltas, afectan también los modos de investigar y de producir conocimiento. Esto exige, pues, una construcción teórica y metodológica en constante y vertiginoso proceso que, más que conseguir lidiar con el conocimiento históricamente acumulado, parece mantenerse sumergido en la intersección de nuestras incertezas. ¿Qué es investigar niños en la cibercultura? ¿Cómo es que investigador y niños habitan y participan de la cibercultura? ¿Cómo se da, en ese contexto, el encuentro entre ellos? ¿Qué metodologías de las ya conocidas son posibles? ¿Qué otras formas de investigación necesitan ser inventadas? Sobre qué bases construir principios éticos norteadores para realizar investigación con niños en la cibercultura? ¿Cómo es que esos principios pueden dialogar con la normatividad colocada jurídicamente? El foco de nuestra reflexión propuesta son los desafíos técnicos, metodológicos y éticos que dichas experiencias de comunicación y de sociabilidad engendradas por las tecnologías digitales traen para el campo interdisciplinar de los estudios de infancia y de la especificidad de la investigación con niños y niñas.

Introdução

Este texto tem por objetivo propor um debate de caráter filosófico sobre os desafios de se construir metodologias de pesquisa com crianças na cibercultura. Que é pesquisar com crianças na cibercultura? Que metodologias já convencionais são possíveis? Que outras formas de pesquisa precisam ser inventadas? Sob que bases construir princípios éticos norteadores para a pesquisa com crianças na cibercultura? Questões como estas têm se tornado centrais para o Grupo de Pesquisa Infância e Cultura Contemporânea que desde sua criação, em 2005, estuda experiências infantis contemporâneas, principalmente as ligadas às mídias.

Pesquisar o contemporâneo implica na construção de um posicionamento em relação ao presente, o que exige, por um lado, uma extrema fidelidade de pertencimento à época e às suas formas de percepção e, por outro, a renúncia a um adesismo que impeça de colocá-la em julgamento. Daí a importância de buscar ver não apenas aquilo que se torna visível, mas aquilo que, na sua obscuridade, se oferece como questão. É, portanto, um trabalho desbravador que aguça na pesquisa o sentido de criação. Reveste-se, porém, de um certo desamparo, posto que teorias e metodologias já canônicas vão se mostrando insuficientes frente às demandas que o cotidiano da pesquisa impõe. É esse cotidiano que aqui procuramos colocar em debate, entendendo tratar-se de uma reflexão sobre processos de produção de conhecimento no campo das ciências humanas e sociais, mais particularmente, da pesquisa com crianças.

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

Temos assumido como um princípio ético que a pesquisa com crianças, mais do que uma opção por ter crianças como interlocutoras no trabalho de campo, implica numa postura de pesquisa que coloca em discussão os lugares sociais ocupados por pesquisadores e crianças na produção socializada do conhecimento e da linguagem (Pereira, 2013). Tal princípio se fundamenta na filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin (2003, 2010), autor que compreende a produção das ciências humanas como um ato responsivo, alteritário e dialógico por natureza. Como produção de linguagem, a pesquisa evoca o outro, a ele se dirige e sobre ele se pronuncia nas mínimas decisões tomadas ao longo do processo – na formulação de uma problemática, nas filiações teóricas, na delimitação do campo, na elaboração de estratégias metodológicas, nas opções de análise, na circulação dos textos de pesquisa.

Essa centralidade da linguagem na produção do conhecimento, tal como concebida por Bakhtin (idem), é de fundamental importância para a reflexão que aqui propomos. Quando evocamos o tema “pesquisa com crianças na cibercultura” está em pauta um encontro dialógico entre pesquisadores (adultos) e crianças, onde estes, do lugar singular que ocupam, se pronunciam uns sobre os outros na relação com o tema que entre eles se põe em debate – a cibercultura, entendida como *a cultura contemporânea estruturada pelo uso das tecnologias digitais em rede nas esferas do ciberespaço e das cidades* (Santos, 2011). O diálogo que nasce desse encontro não se reduz a um simples protocolo de perguntas e respostas, mas coloca em jogo uma complexa comunicação onde os sujeitos se pronunciam politicamente sobre o tema em conversação, sobre o que pensam de si e do outro, e sobre as expectativas que têm uns em relação aos outros.

Por isso mesmo, reforçamos, o que nomeamos pesquisa com crianças, mais que a opção por ter crianças como interlocutores no trabalho de campo, implica na construção de uma ética que se torna, ela própria, parte da questão de pesquisa, desde seu início, na medida em que nos convoca a enunciar, nas mínimas decisões tomadas ao longo do processo, o que compreendemos ser a infância, o que pensamos sobre as crianças e as expectativas que a elas imputamos. Dessa compreensão, temos derivado como um princípio ético norteador que pesquisamos com crianças para construir com elas sentidos compartilhados para a cultura contemporânea. Por essa razão, não podemos abdicar da sua voz e daquilo que só elas, do lugar que ocupam, podem enunciar. Pela mesma razão, não podemos nos furtar de assumir a responsabilidade sobre o lugar social, cultural e ideológico que ocupamos – como pesquisadores – nessa interlocução. Um lugar que, em hipótese alguma, é neutro.

Foi no diálogo com as crianças que percebemos que uma experiência que se apresenta “em rede” precisava ser investigada “em rede”. Para tanto, abrimos diferentes frentes de estudo: *sites* que as crianças mais acessavam – independentemente de terem sido ou não produzidos para elas; *sites* ou *blogs* produzidos por crianças; a frequência

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

das crianças às *lan houses*; e a participação nas Redes Sociais *online*¹. É importante situar que os jogos sociais, apontados em diferentes pesquisas como a principal atividade que as crianças realizam *online*, perpassam todos os estudos. No caso dos *sites* de redes sociais, vale ressaltar que as crianças, de fato, citam o interesse pelos jogos como a principal motivação para a criação de um perfil, mas uma vez que ingressam nesses *sites*, as possibilidades de interação e comunicação também são exploradas.

A sistematização desses estudos teve por base duas fontes de campo empírico: uma delas constituída coletivamente por um mapeamento de caráter exploratório realizado em duas etapas, nos anos de 2009 e 2011, com o objetivo de conhecer os usos que as crianças faziam das diferentes mídias a que tinham acesso. Cada etapa envolveu cerca de 100 crianças, com idades entre 5 e 9 anos, residentes na região metropolitana do Rio de Janeiro, Brasil, e escolhidas a partir de critérios de familiaridade com os diferentes pesquisadores envolvidos. A outra fonte é constituída pelos campos de pesquisa mais específicos dos projetos de teses, dissertações e monografias desenvolvidas no âmbito do grupo de pesquisa.

O espaçamento entre aqueles levantamentos feitos e a possibilidade de estender o diálogo em estudos mais aprofundados permitiu percebermos que, no intervalo de dois ou quatro anos, o cenário se redesenhara inúmeras vezes: as “respostas” das crianças pareciam não caber mais nas nossas perguntas, presos que estávamos em saber formas de acesso, habilidades e usos. Enquanto isso, as crianças comumente nos interpelavam sobre nossa presença em *sites* de Redes Sociais, como o Orkut² que, no Brasil, sustentou-se como o *site* com maior número de usuários entre os anos 2004 e 2012³, incluindo grande número de perfis infantis. Em 2010, a pesquisa estatística oficial do Brasil sobre crianças e internet, a TIC Crianças⁴, revelou que, dentre as principais atividades online desenvolvidas pelas crianças, estavam usos de *sites* de relacionamento, identificando o Orkut e o Facebook como os principais deles. Assim, dados quantitativos de abrangência nacional e nossas investigações junto às crianças davam pistas da necessidade de reelaboração de nossas questões, visto que as

¹ Os estudos em questão são: Freire (2012), Macedo (2014), Mendes (2013), Macedo (2012). Disponíveis em www.gpicc.pro.br

² O Orkut é um *site* de rede social filiado ao Google e foi criado em janeiro de 2004.

³ Mais detalhes em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>

⁴ Trata-se de uma pesquisa do *Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação*. O órgão realiza estudos que se oferecem como referência para a elaboração de políticas públicas que garantam o acesso da população brasileira às Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), assim como para monitorar e avaliar o impacto socioeconômico das TICs. O relatório da pesquisa TIC Crianças 2010, bem como de outras edições (a saber, 2009 e 2012), estão disponíveis em www.cetic.br.

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

experiências com as mídias digitais vinham inaugurando novas formas de sociabilidade e apontando para novas possibilidades de comunicação e interação⁵.

De certa forma, os limites de nossas perguntas, e mesmo de algumas abordagens e estratégias de encontro com as crianças, iam sinalizando que estava em cena um processo de reposicionamento da infância na cultura em função das novas relações que estabeleciam com as tecnologias. A emergência de novas potencialidades técnicas de comunicação e interação engendradas com a liberação do polo de emissão alterou radicalmente a estrutura comunicacional, rompendo com formas clássicas de produção de mensagens. Muitos autores, como Lemos (2003) e Primo (2008), situam esta passagem do modelo “um-todos” (em que empresas e conglomerados econômicos são os únicos emissores) para o modelo “todos-todos” (em que qualquer usuário pode ser, em potencial, produtor de conteúdos a serem publicizados na grande rede) como o marco para a transição da fase Web 1.0 para a atual fase da cibercultura, a chamada Web 2.0. Se na primeira, a popularização da internet na última década do século XX e o fenômeno da globalização garantiam acesso à rede sob um caráter instrumental, atualmente vivemos a possibilidade de “qualquer indivíduo, *a priori*, emitir e receber informação em tempo real, sob diversos formatos e modulações (escrita, imagética e sonora) para qualquer lugar do planeta”. (Lemos, 2003, p.3).

Configurava-se, então, um novo cenário sociotécnico, marcado pelo surgimento de blogs e por novas formas de sociabilidade e interação em rede com os primeiros *sites* de redes sociais a fazerem sucesso no Brasil, como o Orkut. Nossas pesquisas iam testemunhando que as crianças participavam de forma autônoma e autoral deste novo contexto, instaurando relações qualitativamente diferentes com as mídias digitais daquelas experiências que presenciávamos com as primeiras empreitadas para conhecer formas de acesso e os usos de computadores e celulares, por exemplo.

Assim, uma vez que toda a conjuntura apontava que a internet deixava de ser vista em seu caráter restrito, instrumental, voltado para transmissão e tratamento de dados para se tornar uma plataforma a oferecer interação, participação, colaboração e cocriação entre usuários, reformulavam-se também as questões que nos desafiavam e ficava mais clara a necessidade de criação de novas metodologias de pesquisa que não apenas permitissem o diálogo entre o adulto pesquisador com as crianças, mas sobretudo, dialogassem também com a própria dimensão técnica que atravessa as

⁵ É importante lembrar que um dos desafios que nos convoca diante deste cenário diz respeito ao fato de que o Orkut e o Facebook recomendavam seus usos, até o ano de 2010, para maiores de dezoito anos, quando, a partir de então, se alterou para maiores de treze anos de idade. A despeito de suas próprias recomendações, tais *sites* disponibilizam jogos e recursos de linguagem inspirados em filmes e produtos diversos voltados para crianças pequenas, o que nos leva a problematizar o interesse desses *sites* em dialogar com crianças e, veladamente, atraí-las.

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

experiências infantis. Como as crianças habitam o ciberespaço? Que novas sociabilidades e interações se inauguram em rede? Com quem as crianças se comunicam? O que criam na internet? O que comunicam *online*?

Mais do que um desafio metodológico, tínhamos diante de nós uma questão ética que precisava ser problematizada, pois entre as práticas infantis relatadas, algumas não eram recomendadas para crianças, ou mesmo, lhes eram proibidas, como por exemplo, a frequência às *lan houses* e a participação nas Redes Sociais *online*⁶. Entretanto, as pesquisas indicavam que, independentemente de serem ou não atividades recomendadas para crianças, elas estavam lá. Que fazer?

A revisão de literatura feita, por sua vez, também nos sinalizava que pensar de maneira relacional as temáticas da cibercultura e da infância é deveras problemático. Os estudos sobre cibercultura apontavam que esta, produzida na simbiose entre os humanos e os artefatos e cuja sinergia entre o tecnológico e o social alterava as maneiras de ver e de interpretar o mundo (Lemos, 2003; Macedo, 2014), convocava a pensar que estávamos em face de um novo contexto social e cultural em que se colocam em pauta os lugares de autoria numa perspectiva de construção coletiva e colaborativa da cultura. No campo dos estudos da infância, por seu turno, era recorrente a compreensão de que a criança nasce inserida numa cultura, que a recria e a ressignifica com os instrumentos que a própria cultura lhe permite.

Entretanto, quando tomados de maneira relacional, as temáticas da infância e da cibercultura, essa positividade atribuída à criança em sua ação no mundo se relativiza e essa criança que, em tese, é vista como um sujeito ativo, que ressignifica e recria a cultura, parece não ocupar o lugar social de sujeito colaborativo que experimenta na cibercultura novos modos de autoria, subjetivação e sociabilidade. Não temos dúvida em afirmar que o ponto nevrálgico dessa aporia situa-se na própria concepção de infância evocada quando se pensa a relação das crianças com a cultura (Pereira, 2013). Vale ressaltar a importância política de abordagens que pluralizam na escrita as formas de compreender e narrar a experiência da infância – “as infâncias”, “as crianças” –, mas é prudente problematizar que é ainda hegemônica a concepção moderna de infância estruturada em torno de pilares como a fragilidade e o não saber, eixos decisivos para a construção de uma pedagogia centrada na proteção e na preparação para o futuro. São esses os pilares evocados quando se põe em debate a história social da infância; do mesmo modo que, não por acaso, quando colocados sob suspeição, fomentam narrativas sobre uma suposta “morte da infância”, como apregoada pelo norte-

⁶ No Brasil, as *lan houses* são proibidas para crianças com menos de 12 anos, desacompanhadas de seus responsáveis, e as redes sociais mais usadas pelas crianças brasileiras – Orkut e Facebook – recomendavam seus usos, até o ano de 2010, para maiores de 18 anos e a partir desse ano, para maiores de treze anos de idade. A despeito de suas próprias recomendações, tais *sites* disponibilizam jogos e recursos de linguagem inspirados em filmes produzidos para crianças pequenas.

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

americano Neil Postman (1999) e relativizada e também discutida por David Buckingham (2007).

A nosso ver, o que está posto em debate – e do que não temos como escapar – é a formulação de um posicionamento sobre o lugar social que a criança ocupa na produção e na circulação da cultura no tempo presente. Junto disso está também em pauta o lugar que os adultos ocupam na cultura e na relação com as crianças. Suspeitamos de que os adultos – e entre eles os pesquisadores da infância – têm se detido mais ao estudo de práticas infantis por eles instituídas ou referendadas e, justamente por isso, consideradas “apropriadas” à infância (Pereira, s/d). Suspeitamos, também, que os adultos evitam se posicionar sobre práticas infantis que, às vezes, mesmo *a priori*, desabonam ou apenas desconhecem. É como se, não participando delas, reafirmassem sua impertinência. Resulta disso que, por um lado, há uma maior visibilidade científica das práticas infantis circunscritas pela mediação/recomendação do adulto; mas, por outro, há uma imensa gama de práticas que permanece invisibilizada, a despeito do significado que possam ter para as crianças. Quais os limites da verdade que se busca e que efetivamente se produz nessa circunscrição? O que é, efetivamente, ter a criança como interlocutora? Em que medida suas práticas e seus discursos são reconhecidos pelos pesquisadores?

Tais questões evidenciam que não podemos nos furtar de reconhecer as limitações e a parcialidade do que se torna visível na época em que estamos imersos, e de indagar, intermitentemente, sobre aquilo que permanece obscuro e nos exige um posicionamento. Esse posicionamento, que atravessa as mínimas decisões de pesquisa, traduz o princípio ético apontado por Bakhtin (2010, p. 17) de que “pensar é um ato responsivo para o qual não há alibi”. A impossibilidade do alibi reafirma os lugares de autoria que toda pesquisa evoca em maior ou menor grau e coloca em evidência a pergunta “Que devo fazer?” enquanto fundadora de uma ética, uma vez que, em face dela, não há como não construir um posicionamento, seja ele qual for. Essa indagação, de caráter filosófico, entretanto, tem cedido lugar cada vez mais à pergunta “O que posso fazer?”, de caráter pragmático, e cuja resposta parece dada, *a priori*, nos limites protocolares convencionais e até mesmo judicializados. O que está em jogo entre essas duas indagações é a complexa negociação entre sujeito e norma na constituição da vida social – e, portanto, também na pesquisa. Bornheim (1989) pondera que essa relação é historicamente alterada, acentuando seu caráter polarizado e antitético. Com isso, por vezes, a norma se sobrepõe aos sujeitos, e, por outras vezes, no sentido inverso, os sujeitos se colocam em posição de insurreição a ela. Essa tensão entre sujeito e norma tende a se acentuar em contextos de crise, seja em termos políticos, seja em termos epistemológicos, uma vez que a própria ideia de crise implica em colocar a própria época – e suas formas de pesquisar – em julgamento (Bornheim, 1992; Pereira, s/d).

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

Temos procurado dialogar com as normas vigentes sem perder de vista que a concepção de sujeito que a elas se vincula precisa ser atualizada considerando a contemporaneidade do tema em questão: a cibercultura. Entendemos que a cibercultura, com a experiência da sinergia entre o tecnológico e social e com as possibilidades de uma produção colaborativa da cultura, instaura uma crise nos modos de viver e de interpretar o mundo até então instituídos e provoca uma necessária revisão da relação entre os sujeitos e as normas vigentes, que passam a ser, uma vez mais, postas em questão. Para nós, essa “crise” mostrou mais visivelmente sua face no diálogo vivo com as crianças, no insistente interesse pelas redes sociais, no convite para “jogar com elas”, em vez de ficar interrogando-as à margem da experiência que viviam, nas *lan houses* ou espaços privados em que se pesquisava com as crianças na presença do computador conectado. Essas enunciações infantis paralisavam nossas perguntas tão presas ainda em saber se elas, as crianças, tinham habilidades de uso do computador, perguntas essas que fazíamos, muitas vezes, na esperança de reafirmar nosso lugar de tutela. Tratava-se do chamado para uma experiência de horizontalidade na relação com a cultura e que fora decisiva para que passássemos a considerar a pesquisa *online* como uma metodologia a ser problematizada. Que fazer? Experimentar com as crianças contextos cujas normas vigentes desconfiavam ser apropriados a elas? Seguir, à margem, um diálogo que já se mostrava artificial?

Temos ensaiado, em caráter experimental, jogar *online* com as crianças e nos comunicar também de forma *online* com elas, usando as ferramentas e linguagens disponíveis nas redes sociais. Isso implicou nos assumirmos como usuários das redes *online*, parte efetiva de um fenômeno social contemporâneo no qual estamos imersos. Por essa razão, pareceu-nos mais pertinente investigar “de dentro dele”, na corrente viva de sua própria linguagem. Nessa linha, temos formado grupos de interlocutores infantis a partir de critérios de familiaridade, como percebemos ser próprio às redes *online*. Como protocolo de apresentação da pesquisa e de diálogo com os responsáveis, temos seguido os padrões dos *sites* dirigidos para crianças⁷.

Temos consciência de que toda opção metodológica está amalgamada aos princípios éticos que se desenham nas concepções de ciência, de verdade e, sobretudo, de infância que se adota. Optamos por assumir o diálogo com as crianças de maneira incondicional, isto é, sem prejudicar se essas práticas infantis são adequadas ou não. Essa decisão, cabe frisar, longe de negligenciar com a responsabilidade com as crianças, é um esforço por construir uma outra concepção de responsabilidade, que se consolida “por dentro”, pautada na alteridade e no diálogo. Nesse sentido, ela pode ser pensada como uma forma de educação *com* as mídias, em que as nossas questões de pesquisa são pensadas e enfrentadas do lugar singular de quem participa, junto com as crianças, dos fenômenos que deseja investigar. Queremos compartilhar, *online*, a

⁷ O detalhamento desses estudos encontra-se disponível no *site* www.gpic.pro.br.

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

própria questão de pesquisa e, junto disso, indagar, ponderar, contrapor, repensar. Sob esta perspectiva, pesquisar com as crianças na cibercultura é buscar o encontro com elas sem abrir mão da dimensão sociotécnica que configura as relações contemporâneas com as mídias digitais.

REFERÊNCIAS

- Bakhtin, M. (2003). *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____ (2010). *Para uma filosofia do ato*. São Carlos: Pedro & João Editores.
- Bornheim, G. (1992) O sujeito e a norma. In Novaes, A. (Org.) *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Buckingham, D. (2007) *Crescer na era das mídias eletrônicas*. Loyola, 2007.
- Freire, J. L. (2012). *Meus favoritos: crianças, sites e metodologias de pesquisa*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Lemos, A. (2003). Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In Lemos, A. & Cunha, P. (orgs). *Olhares sobre a cibercultura* (pp. 11-23). Porto Alegre: Sulina.
- Macedo, N. M. R. (2014) “*Você tem face?*” *Sobre Crianças e Redes Sociais Online*. Tese de Doutorado, Departamento de Educação, UERJ, Rio de Janeiro.
- Macedo, N. M. R. e Pereira, R. R. (2012) Meninos e meninas nas redes sociais. In Souza, L. & Salgado, R. G. (Orgs.) *Infância e Juventude no contexto brasileiro: gêneros e sexualidades em debate* (pp.46-54). Cuiabá-MT: Editora UFMT.
- Mendes, F. (2013) *Crianças e lan houses: um olhar sobre a infância contemporânea*. Trabalho de conclusão de curso, Departamento de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Pereira, R. R. (2012) “A pesquisa com crianças”. In Pereira, R. R. e Macedo, N. M. R. (Orgs.). *Infância em pesquisa* (pp. 59-86). Rio de Janeiro: NAU Editora.
- _____ (2013). Entre o (en)canto e o silêncio das sereias: sobre o (não)lugar da criança na cibercultura. *Childhood & Philosophy*, 9 (18), 319-343.
- _____ (s/d) Precisamos conversar! Questões para pensar a pesquisa com crianças na cibercultura. In Reis, M. e Gomes, L. *Infância, sociologia e sociedade*. São Paulo: Attas. (no prelo).
- Postman, N. (1999) *O Desaparecimento da Infância*. Rio de Janeiro: Graphia.
- Primo, A. (2008). Fases do desenvolvimento tecnológico e suas implicações nas formas de ser, conhecer, comunicar e produzir em sociedade. In Preto, N. L. e Silveira, S. A. (Orgs.) *Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias de poder* (pp. 51-68). Salvador: EDUFBA.
- Santos, E. (2011) Cibercultura: o que muda na educação. Programa Salto para o Futuro. <http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/212448cibercultura.pdf>.

**II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS,
SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”**

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9